

**"LAS SOBRAS ME INTERESAN":
LOS ARCHIVOS DE INSTITUCIONES EDUCATIVAS COMO ESPACIOS DE
PRESERVACIÓN, ENSEÑANZA E INVESTIGACIÓN**

Dóris Bittencourt Almeida
almeida.doris@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4817-0717>
Faculdade de Educação/UFRGS
Porto Alegre, Brasil

Recibido: 17/12/2022 **Aceptado:** 20/03/2023

Resumen

En este artículo, pretendemos instigar a los lectores a reflexionar sobre temas sensibles que permean la formación docente, especialmente en lo que se refiere a la importancia de cuidar las memorias de las instituciones educativas, constitutivas del tiempo presente. En este sentido, se destacó la experiencia desarrollada en el Archivo Histórico de la Faculdade de Educação/UFRGS y los desafíos que existen en el abordaje de la memoria institucional como tema que interesa a los jóvenes estudiantes de los cursos de graduación. Se hizo una defensa de las clases de Historia de la Educación, como asignatura en la que es posible desarrollar estrategias formativas que involucren las múltiples caras de los gestos de guardar, con vistas a que este componente curricular tenga sentido para quienes están en proceso de convertirse en profesores y que pueda reverberar en el futuro desempeño como docentes. Además, se problematizan cuestiones en torno a la constitución de Archivos, en interfaces con discusiones sobre memoria y patrimonio educativo.

Palabras clave: archivos escolares; enseñanza de la Historia de la Educación; patrimonio educativo; historia de las instituciones educativas

**“RASPAS E RESTOS ME INTERESSAM”:
ARQUIVOS DE INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS COMO ESPAÇOS DE GUARDA,
ENSINO E PESQUISA**

Resumo

Neste artigo, procura-se instigar os leitores a refletirem acerca de temas sensíveis que perpassam a formação docente, notadamente no que diz respeito à importância do cuidado com as memórias das instituições educativas, constitutivas do tempo presente. Neste sentido, enfatizou-se a experiência desenvolvida no Arquivo Histórico da Faculdade de Educação/UFRGS e os desafios que existem em aproximar a memória institucional como temática que interesse aos jovens estudantes dos cursos de licenciatura. Fez-se uma defesa das aulas de História da Educação, como disciplina na qual é possível desenvolver estratégias formativas que envolvam as múltiplas faces dos *gestos de guardar*, com vistas a que esse componente curricular faça sentidos para quem está em processo de tornar-se professor e que possam reverberar na futura atuação como docentes. Além disso, problematizam-se questões em torno da constituição de Arquivos, nas interfaces com discussões sobre a memória e o patrimônio educativo.

Palavras-chave: arquivos escolares; ensino de História da Educação; patrimônio educativo; história das instituições educativas

**“SCRAPS AND LEFTOVERS INTEREST ME”:
ARCHIVES OF EDUCATIONAL INSTITUTIONS AS SPACES OF SAFEKEEPING,
TEACHING AND RESEARCH**

Abstract

In this article, we try to instigate readers to reflect about sensitive themes that permeate the formation of teachers, especially regarding the importance of caring about the memories of educational institutions, since they are constitutive of the present in which we live. In this sense, it was emphasized the experience developed in the Historical Archive of the Faculdade de Educação/UFRGS, as well as the challenges that exist in approaching the institutional memory as a theme that interests young students of undergraduate courses. A defense was made of the History of Education classes, as a subject in which it is possible to develop formative strategies that involve the multiple faces of the gestures of keeping, so that this curricular component makes sense to those who are in the process of becoming teachers and that can reverberate in their future performance as teachers. Furthermore, it seeks to problematize issues around the constitution of archives, in the interfaces with discussions about memory and educational heritage.

Keywords: school archives; teaching the History of Education; educational heritage; history of educational institutions

Introdução: por uma formação para o guardar

Neste texto, convido os leitores a pensarem comigo nos possíveis significados da preservação de memórias das instituições educativas, por meio da apresentação do trabalho desenvolvido no Arquivo Histórico da Faculdade de Educação/UFRGS, considerando as dimensões do guardar, ensinar e pesquisar. Afinal, é importante que escolas e universidades constituam espaços para salvaguardar materialidades de outras temporalidades? Professoras devem se ocupar dessas atividades? Tiveram formação para isso? E, enfim, por que guardar? Para quem?

Interessada na discussão dessas temáticas, faço aqui uma aposta na construção de espaços de memória, como centros de referência escolar/universitária que entrelaçam passados, presentes e projetam futuros. Acompanhada pelos versos de Cazuza e Frejat (1984)¹, anunciados no título do texto, ponho-me a refletir sobre o cuidado com essas “raspas e restos” que permeiam a cultura escolar², essas quase banalidades, “mil nadas” (CUNHA, 2000, p.160), muitas vezes em papel, a grande maioria condenada ao refugio. Cadernos, bilhetes, artefatos da escrita, livros didáticos, folhas avulsas, cartazes, fotografias, agendas, entre outros, seguindo a letra da música,

¹ Versos da canção “Maior abandonado”, de Cazuza, 1984.

² O conceito de cultura escolar fundamenta-se nos trabalhos de Julia (2001) e Escolano (2017).

são tal qual “migalhas dormidas do teu pão” (CAZUZA, FREJAT, 1984). São fragmentos do vivido que, por alguns motivos, por vezes ligados aos afetos, talvez consigam escapar do apagamento, e, assim, são capazes de registrar, indiciariamente, o que aconteceu nas instituições em diferentes temporalidades.

Como “pequenas porções de ilusão” (CAZUZA, FREJAT, 1984), entendo que essas memórias, transformadas em documentos pela pesquisa e por práticas pedagógicas, não constituem o passado em si. Este, sabemos, é alteridade. As memórias não nos revelam *a verdade*, mas, por representarem ausências, possibilitam que nos aproximemos do passado. Neste sentido, Le Goff (1996) postula que “no limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira” (p. 548). Alerta os historiadores para os riscos de ingenuidade, para a indispensável crítica das fontes, pois todos os documentos comportam intenções, interdições, limites, possibilidades, ou seja, são dotados de uma espécie de “roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem” (p. 548). Uma mentira? Não no sentido literal, se entendemos que o que documenta o passado carrega “efeitos de verdade” (CHARTIER, 2009), tal como “porções de ilusão”, atravessadas por diferentes clivagens, por isso a importância de, ao analisar algo que registra acontecimentos de outras épocas, questionarmos: Quem fala? Por que fala? Para quem fala? Quando fala? Sobre o que fala?

Feitas essas reflexões, no meu entender necessárias para o encadeamento das ideias aqui defendidas, explico que este artigo é construído a partir de meu lugar de professora de História da Educação e pesquisadora neste campo de estudos. Como docente nos cursos de licenciatura da Faculdade de Educação, duas questões me perseguem há algum tempo: Como produzir sentidos formativos nessa disciplina para estudantes de diferentes licenciaturas? Como sensibilizar futuros professores para a preservação da memória das instituições educativas? Essas perguntas atuam como disparadores, me provocam a estar vigilante para as escolhas teóricas e metodológicas que faço, funcionam como bússolas e mostram caminhos possíveis para as aulas desse importante componente curricular.

Apesar de sua longevidade, com suas origens nas Escolas Normais³, ainda no século XIX, observa-se que a História da Educação, na contemporaneidade, muitas vezes, assume uma feição marginal e disputa espaço com tantos outros saberes, responsáveis pela formação dos futuros docentes. Estudantes das licenciaturas costumam dizer “vamos ter aula de História”,

³ Sobre a história das Escolas Normais, ver Tanuri, 2000.

acreditando, talvez, que meramente se retomem conteúdos vistos nos ensinamentos fundamental e médio. Às vezes, professores que não pesquisam em História da Educação podem não atentar para as especificidades desta área de conhecimento, para os entrelaçamentos entre ensino e pesquisa e acabam pautando suas aulas a estudos de manuais da disciplina, ou a aulas de História, como mencionei há pouco, se distanciando das temáticas candentes do passado da educação que ressoam no tempo presente (BORGES e GATTI JR, 2014). Tais práticas produzem estudantes desinteressados, que não conseguem perceber em que medida os estudos da disciplina possam fazer alguma diferença em sua vida profissional.

Portanto, indaga-se: qual o estatuto da História da Educação? Está localizada na Educação ou na História? Nem em uma, nem em outra, situa-se em uma zona fronteira e estar nesse *não lugar* é sempre dificultoso. Na Educação, na maioria das instituições, é periférica como componente curricular, e, na História, é muitas vezes ignorada, esquecida como campo de pesquisa. Observa-se a tendência à desvalorização da História da Educação na formação docente (GATTI JR, 2007, 2014), algo que ultrapassa as fronteiras das universidades no Brasil⁴. São muitas as lutas para manter seu estatuto e, assim, faz-se necessário assegurar espaço para que essa disciplina continue a ocupar as salas de aula das licenciaturas. Entretanto, a despeito de tamanhos desafios, o que se observa é que, entre deslizamentos teóricos, metodológicos e empíricos, a História da Educação continua a se empenhar para encontrar seu lugar, sem deixar de assumir seu hibridismo, pois tematiza, na perspectiva temporal, a Educação, mas tem suas ancoragens epistemológicas nas teorias da História, entre outros aportes.

Diante desse cenário complexo e de disputas, procuro estar atenta aos “gestos de ensinar” (NUNES, 2003), como redes em que se entrecruzam o ensino e a aprendizagem. A autora nos conduz a pensar nos possíveis efeitos das aulas que planejamos e para a importância de fomentarmos entre os estudantes “o prazer de aprender, a religião entre afeto e razão, a competência de formular questões e procurar respostas às indagações fundamentais que o afligem como ser humano, social e histórico” (p.118). Essas referências me auxiliam a aguçar um olhar mais sensível ao ensino de História da Educação, me provocam a eleger temáticas de estudo que, de diferentes modos, possam *tocar* os jovens estudantes, por vezes pessoas com menos de vinte anos de idade, que, muitas vezes, sequer imaginavam que História da Educação

⁴ Sobre as questões que afetam a História da Educação, como campo de pesquisa e componente curricular, ver a Revista Espacio, Tiempo e Educacion, vol.3, n.1 (2016), em especial os artigos de Antonio Viñao Frago e Maria Helena Camara Bastos.

existisse. Nesta perspectiva, Luciano Mendes de Faria Filho, questiona “por que e para que História da Educação?” e, ao responder, explica que ela permite “lembrar, alargar horizontes, encontrar zonas silenciadas, construir memórias individuais e coletivas” (2016). Ou seja, muito mais que conteúdos a serem desenvolvidos, a História da Educação contempla outras grandezas formativas, com vistas a historicizar/desnaturalizar a cultura escolar vigente, evitando que se esqueça e se apague o passado. O que aconteceu em tempos pretéritos pode ir além da narrativa edificante e registrar nossa existência, por meio da busca pelos vestígios daquilo que foi deixado pelos que nos antecederam. É com base nesses postulados que não desisto de buscar despertar entre os discentes um certo *gosto* pelo passado da Educação, independente que sejam licenciandos em Matemática, Pedagogia, Física, Biologia, Letras... E nessa intenção, se encontra o propósito de construir uma formação para o *guardar*.

Indo ao dicionário, atrás de uma explicação semântica para o *guardar*, encontramos que significa “preocupar-se com, interessar-se por, responsabilizar-se por; pensar, meditar, projetar, preparar” (HOUAISS, 2004). Veja, caro leitor, o sentido afetivo que permeia o verbo, que traz a ideia do cuidado, de compromisso e, ao mesmo tempo, aponta para a concepção de futuro, anunciando uma projeção, um prolongamento. Ainda pensando no que constitui o verbo, parece que existe uma ideia de esconder, mas não é isso. Margarida Felgueiras e Maria Leonor Soares (2004), possivelmente inspiradas no poema do Antonio Cícero⁵, nos dizem que “guardar é diferente de esconder, guardar significa partilhar, tornar vivo” (p.). Portanto, aproxima-se da ideia de proteger com vistas a não ocultar e sim mostrar, divulgar, publicizar.

Vivemos um tempo cheio de *agoras*, em que predomina um forte sentimento de aceleração. O tempo, “o impensado da História” (CERTEAU, 2008), tornou-se tão habitual para pessoas mais ou menos eruditas, que tendemos, todos, a naturalizá-lo, a simplesmente não pensar nesse “senhor do destino”, como diz Caetano Veloso⁶. E essa falta de estranhamento invade as escolas, seus professores e estudantes. Seguindo as pistas de Hartog (2007, 2013) e Koselleck (2006, 2014), considera-se a importância de estarmos como sentinelas diante do nosso tempo, em que se observa o crescimento rápido da categoria do presente. Entretanto, este não se sustenta sozinho, precisa da memória como ancoragem, como fenômeno que permite ir

⁵ Poema de Antonio Cícero “Guardar para Mirar”.

⁶ Canção de Caetano Veloso, “Oração ao Tempo”

além da superfície imediata com vistas a melhor perceber os diferentes estratos temporais que o constituem (NORA, 1993).

Estar atento ao tempo pode suscitar a valorização dos *gestos de guardar*, tanto do ponto de vista pessoal, como institucional. *Guardamos o passado*, mas fazemos essas ações no presente, o condutor dessas ações. E por que fazemos isso? Para nós mesmos, mas também, mais ou menos conscientemente, pensando no futuro, naqueles que virão depois de nós, ou seja, as múltiplas faces temporais estão sempre em jogo (KOSELLECK, 2014).

Após essas considerações acerca de possíveis significados da preservação das memórias, nas interfaces com os dilemas enfrentados pela formação de professores, passo, a seguir, a examinar uma *experiência do guardar* desenvolvida na Faculdade de Educação/UFRGS. Na sequência, exponho e problematizo algumas práticas desenvolvidas em aulas de História da Educação, com o propósito de provocar a atenção e sensibilizar para esse tema.

O Memória Faced: guardar e pesquisar

As perspectivas, comentadas anteriormente, que atravessam o verbo *guardar*, levam-me a apresentar o Arquivo Histórico da Faculdade de Educação, conhecido pela comunidade acadêmica por Memória Faced. Do que é tecido um Arquivo? “Templo das perdas, espaço destinado a guardar as coisas que restaram dos tempos que se perderam” (ALBUQUERQUE JR, 2019, p.58). Lugar de “raspas e restos”, de “secreção voluntária e organizada de uma memória perdida” (NORA, 1993, p.16), ao Arquivo interessa construir uma relação de pertencimento com a comunidade na qual se inscreve, que valorize seus bens culturais e disponibilize o patrimônio educativo conservado a todos os envolvidos.

Segundo Rosa Fátima Chaloba (2013), o patrimônio educativo é um tema emergente na História da Educação, em decorrência da renovação do campo, afinado ao desenvolvimento e uso do conceito de cultura escolar. Para Hartog (2017), patrimônio é uma palavra deste tempo presentista, associada intimamente à memória. A ascensão de ambos aponta para esse “mal estar do presente”. O historiador nos diz que é justamente o sentimento de aceleração do tempo que desperta atenção para a memória e patrimônio, como “uma maneira de se situar e de se encontrar a si mesmo, proteger o passado e presente, preservar para o futuro” (p.46), evitando, assim, o esquecimento.

Tendo em vista essas concepções, busco em Paul Ricoeur, filósofo que postula a função matricial da memória, duas ideias que se aproximam do trabalho desenvolvido no Memória

Faced: a noção de que “os lugares habitados são, por excelência, memoráveis” (2007, p.59) e a dimensão arquivística da memória, “uma memória do papel” (2007, p. 410). O que significa um “lugar memorável”? Vejo muitas pessoas, especialmente os jovens, mas não só, que transitam pela Faculdade de Educação e pouco ou nada sabem de seu passado, inscrito na história da UFRGS e das universidades públicas no país de modo geral. Nela, diariamente, circulam centenas de pessoas, com diferentes fins, pois lá existe o Curso de Pedagogia, são oferecidas disciplinas aos cursos de licenciatura, tem-se o Programa de Pós-graduação em Educação, a licenciatura em Educação do Campo, variados cursos de extensão, entre outras atividades e setores. Nesta espécie de presente contínuo, acelerado, que marca nossa temporalidade, há interesse em conhecer/preservar a memória dos espaços que habitamos? François Hartog (2007) afirma que sim, sendo a memória uma contrapartida em face ao mundo em que reina quase de modo absoluto o presentismo, conforme indicado anteriormente.

Enfim, aqui se defende que escolas e universidades são lugares memoráveis pela sua função fundamental educativa, que atravessa passados e presentes. Mas, para ter esse título, é preciso que se cuide do que restou. E um dos modos desse cuidar é constituir/organizar os Arquivos. Indo para a segunda frase escolhida, Ricoeur declara que essa “nova memória” é território “do papel”. Arquivos são construídos para, justamente, guardar muitos e muitos papéis.

Por entender que o tempo pode se tornar quase palpável pelas “marcas que deixa na pele do mundo”, esses vestígios acumulados localizam-se em determinadas instalações, como “uma rede de signos que fazem sentido à medida que são organizados e disponibilizados à sociedade” (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 74). Assim, a sala 610 da Faculdade de Educação/UFRGS abriga o Arquivo Histórico, setor institucionalizado e com regimento próprio, desde 2019. Nele, salvaguardam-se papéis produzidos ao longo de décadas, que são higienizados, inventariados e catalogados. A pesquisa aparece como uma consequência imediata do trabalho de organização arquivística, envolvendo professores, estudantes da graduação, pós-graduação e bolsistas de iniciação científica. Ou seja, guardar com a intenção de pesquisar parece algo quase constitutivo das operações que se desenvolvem nos Arquivos.

De início, o Memória Faced era um projeto de pesquisa individual, tendo como foco narrativas de professores da Faculdade e do Colégio de Aplicação. Entretanto, houve a possibilidade de investir na organização do Arquivo, que conserva documentos dos três

departamentos da Faculdade (Departamento de Estudos Básicos, Departamento de Estudos Especializados, Departamento de Ensino e Currículo), do Programa de Pós-graduação em Educação, Projetos de Pesquisa e Extensão, documentos do Colégio de Aplicação, entre tantos outros papéis de caráter institucional.

Para além da preservação desses papéis, o *gosto do guardar*, a “vontade de memória” (VIDAL e PAULILO, 2020), “o sabor do arquivo” (FARGE, 2009) também está em outras searas: documentos orais, produzidos em entrevistas com professores/ estudantes egressos, ego-documentos⁷ e arquivos pessoais de professores. Como sabemos, não há memória arquivada que seja *natural*. Individual ou coletivamente, construímos justificativas que nos levam a querer conservar algumas coisas e desprezar outras: motivos de ordem legal, institucional, epistemológica e afetiva, esta última eivada pelas subjetividades de quem está à frente da organização desses espaços. Nas palavras de Vidal e Paulilo (2020), “não se reconhece inércia no processo de guarda. Ao contrário, toda guarda implica em seleção, guiada por critérios operatórios no momento em que foi feita, e toda seleção produz um efeito de memorização” (p.7). Nora (1993) corrobora afirmando a inexistência de “memória espontânea” (p. 14), que é preciso criar arquivos justamente porque não há naturalidade nessas ações.

Essa ideia do “efeito de memorização”, indicada por Vidal e Paulilo (2020), é potencialmente cara ao trabalho desenvolvido, enfim, que memória se deseja deixar para os que virão depois de nós? Apenas documentos institucionais, muitos deles de caráter burocrático? Que documentos nos permitem perceber melhor as *vidas vividas* na Faculdade de Educação? Importa pensar na organização arquivística não apenas levando em conta a quantidade de informações salvaguardadas, mas pensando no próprio Arquivo como questão, que pode ser “estudado em si mesmo, em sua organização discursiva e material, suas condições de produção, suas utilizações estratégicas” (CHARTIER, 2002, p. 13).

Neste sentido, se mantém no Memória Faced documentos pessoais de seus professores, que registram passados das mais diferentes formas, em cadernos, agendas, álbuns,

⁷ Segundo James Amelang, os ego-documentos se referem à “diversidad de las formas de expression escrita de lossentimientos y experiencias personales. Desde su ponto de vista, um ego-documento es um texto, de cualquier forma o tamaño, em El que esconde o descubre deliberada o accidentalmente um ego” (AMELANG, 2005, p.17). Cunha (2019) explica que ego-documentos são aqueles que resistiram ao descarte e se referem às experiências pessoais com o intuito de guardar-se a si próprio.

correspondências, bilhetes, panfletos, fotos, convites de formaturas, entre outros⁸. Permitem ir além daquele que os constituiu, deixam ver suas redes de sociabilidade, inscrições geracionais, concepções epistemológicas, em meio a contextos mais amplos. Trata-se de uma verdadeira arte do guardar, pois muitos deles são fruto do investimento de quem está à frente do Arquivo em persuadir os produtores à doação de incontáveis papéis que acumularam durante muito tempo, representativos de sua vida. Memórias em papel para além dos anos de docência na Universidade, tendo como referência a ideia do “arquivamento do eu como uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 1998, p.11). Assim, tem-se o propósito de reunir as materialidades tais como o titular, ou quem esteve em seu lugar ordenou para a doação, tendo em vista que foi desse modo que chegou até nós. Não há despreensão alguma nessa organização prévia. Importa lembrar que, ao receber cada arquivo pessoal, é preciso exercitar uma espécie de “protocolo de reverência” (CUNHA, 2018), haja vista as delicadezas do gesto pautado por uma “cerimônia do guardar” (CUNHA, 2019).

Além disso, a “vontade de memória” (VIDAL e PAULILO, 2020) persegue a intenção de guardar outros ego-documentos, como autobiografias de estudantes da Pedagogia⁹ e memoriais de professores titulares. Esses escritos “produzem uma literatura autorreferencial, textos em que o sujeito encontra refúgio e se converte em elemento de referência” (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 11). São relatos autobiográficos que estão guardados como se estivessem em uma *adega*, se preparando para estimular os sentidos dos historiadores, oferecer *novos aromas e sabores* à pesquisa que se desenvolvem depois de algum tempo.

Ainda, buscam-se papéis deixados em armários de professores, talvez involuntariamente, como cadernos, projetos de pesquisa, de extensão, planejamento de aulas, trabalhos de alunos. Há alguns anos, foram localizadas redações escolares, sobre temáticas variadas¹⁰, que *estavam quietas*, em um armário de uma professora, esquecidas. Trata-se um rico conjunto documental, produto de um grande Projeto de Extensão da UFRGS, o PERICAMPUS¹¹, que, na Faculdade de Educação, desenvolvia ações em escolas públicas, em

⁸ Para maiores informações, consultar Almeida, 2021 (A).

⁹ Ver Almeida, 2021 (B).

¹⁰ Essas redações escolares foram analisadas por Almeida, 2015.

¹¹ O Programa de Integração Universidade e Escolas de 1º Grau de Periferia Urbana da Grande Porto Alegre (PERICAMPUS), foi uma proposta de ação interdisciplinar que integrava ensino, pesquisa e extensão, ênfases próprias da Universidade. Entre seus objetivos principais, pode-se citar o apoio a processos de melhoria da qualidade de ensino da educação básica, dispensada pelas escolas públicas às populações de baixa renda. Medicina,

Língua Portuguesa e Matemática. São produções textuais dos anos 1980 e início dos anos 1990, que permitem entrever concepções variadas de estudantes dos anos finais do ensino fundamental. Como bem nos diz Roger Chartier “pelas escolhas que faz e pelas relações que estabelece, o historiador atribui sentido inédito às palavras que arranca do silêncio dos arquivos” (2002, p. 9).

É preciso não esquecer de comentar a construção de um acervo de memórias orais, sobretudo de entrevistas com professores, por meio da metodologia da História Oral (PORTELLI, 2015; AMADO, 1995; THOMSON, 1997). Tem-se mais de cinquenta entrevistas transcritas, em que os docentes narram suas experiências na Universidade e, para além dela, contam outros aspectos de suas trajetórias. Por meio dessas narrativas, pode-se conhecer um pouco dos seus percursos e, paralelamente, entrecruzar o que dizem com a história da Universidade, em meio aos contextos políticos, econômicos, sociais, que se atravessam nos itinerários trilhados por elas e eles. Professores, servidores técnicos e estudantes contam com esse acervo em que podem narrar suas experiências de vida e daí emergem muitos temas do passado que ressoam no presente. Entende-se que a pesquisa em arquivos de memórias orais é um modo legítimo de operar com a metodologia da História Oral. Entretanto, há limitações, pois aquele que, futuramente, vier a examinar a entrevista, não participou do evento, não elaborou o roteiro, não pode emocionar-se em frente ao narrador, observar seus gestos, olhares, o corpo que se movimenta, ou seja, há uma série de interdições que se colocam entre o pesquisador e a entrevista em si. Por outro lado, a narrativa está lá, arquivada, protegida, e, assim, transformada em documento oral, pode ajudar a *contar* histórias (GRAZZIOTIN e ALMEIDA, 2012).

Esses conjuntos documentais anunciados contemplam singularidades em suas idiossincrasias. Somados aos incontáveis outros papéis institucionais da Faculdade e do Colégio, constituem um corpus documental que está sempre em processo de construção, entendido como patrimônio educativo dessas instituições, unidades da UFRGS. São papéis que deixam de estar localizados em zonas isoladas para encontrar seu lugar na produção nacional dos processos históricos.

O Memória Faced: guardar e ensinar

Odontologia, Psicologia, Educação Física, Letras, Engenharias foram cursos que se envolveram nesse Programa e, na sequência, o engajamento da Faculdade de Educação (ALMEIDA, 2015).

Entendo o Memória Faced na perspectiva de um espaço de memória. Certeau faz uma distinção entre lugar e espaço. Para o autor, “o espaço é um lugar praticado”, ou seja, é “animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram” (1994, p. 202). Se “a descoberta do arquivo é um maná que se oferece” (FARGE, 2009, p. 15), Arquivos de instituições educativas, para serem definidos “espaços de memória”, na perspectiva de Certeau, devem conjugar esforços nos propósitos de salvaguarda documental, pesquisa e ensino. Entretanto, parece que essa última dimensão, de aproximar os arquivos institucionais das práticas de ensino, ainda é uma espécie de *calcanhar de Aquiles*.

Com relação ao ensino superior, que sentidos estudantes e professores de Pedagogia, Letras, Matemática, Educação Física, por exemplo, veem nesses espaços de salvaguarda documental? Quais suas prioridades curriculares? O que importa mais no percurso formativo de uma futura pedagoga? Ocupar-se com memórias de *sua* escola? São perguntas que me acompanham como professora de História da Educação, como expus nas primeiras páginas, e põem em questão a complexidade que é preparar um professor, que deve compreender em profundidade sua área de ensino, mas também precisa ser um conhecedor de outros saberes que tangenciam a educação, nas perspectivas de seus fundamentos, históricos, sociológicos, filosóficos, entre tantos outros.

Mas, voltando à metáfora do *calcanhar de Aquiles*, herói da mitologia grega que tinha sua vulnerabilidade exatamente nos tendões, vejo que para constituir-se como “espaço de memória” (CERTEAU, 1994), é preciso também assumir um compromisso com o ensino. Isso pode ser difícil e vários são os motivos. Em princípio, me atenho a dizer que Arquivos são, em tese, lugares de ofício de arquivistas, que desenvolvem, por meio do estudo, uma expertise para melhor trabalharem nesses espaços. Como professores, temos alguma competência nesse campo? Muito provavelmente, não. Em escolas com problemas de infraestrutura, falta de professores e funcionários, sem recursos para maiores investimentos, é possível cultivar o *gosto pelo guardar*, quando os problemas do instante vivido são muitos?

Entretanto, se acreditamos que nossas instituições são lugares memoráveis (RICOEUR, 2007), são lugares que têm passados que provocam ecos no presente, precisamos, de algum modo, entender que somos responsáveis, coletivamente, pela memória dos lugares que habitamos como docentes e discentes.

Para enfrentar tamanho desafio, importa sensibilizar para a memória, para que a conservação das “raspas e restos” possa trazer sentidos afetivos e efetivos para comunidades escolares e acadêmicas, que possa reverberar entre as ações desenvolvidas em cada instituição. Desse modo, Arquivos não precisam ser vistos como *lugares secretos*, que cheiram a mofo, confundidos com depósitos, restritos à preservação documental, ou então *sacralizados*, atrelados exclusivamente à pesquisa acadêmica. Precisam assumir que também podem ser *espaços de ensinar*.

Hoje, avalio que estive tão imersa nos processos de salvaguarda e interessada nas muitas possibilidades de pesquisa oferecidas pelo acervo, que não me ative a pensar no quanto esse espaço precisa se aproximar dos estudantes, pelo ensino. Há pouco, constatei que a maior parte daqueles que têm aulas comigo não conhecem o Memória Faced, mas conhecem e atuam em tantos outros setores da instituição. Acabei esquecendo de olhar para os estudantes, sobretudo as da Pedagogia, que têm uma carga horária maior da disciplina de História da Educação.

Afinal, quais os possíveis significados formativos que o contato com os papéis guardados no Arquivo pode propiciar a futuros docentes em formação? Augustin Escolano (2017) nos fala da educação patrimonial como um “ethos de desejo” (p. 280), em seu potencial de constituir uma “nova educação histórica da cidadania” (p. 269). As memórias da escola, para o autor, se constituem em bens culturais, de caráter coletivo, representativos de inúmeras práticas desenvolvidas no interior das instituições, nas interfaces com contextos mais amplos. Podemos dizer, concordando com Escolano, que, durante muito tempo, esses bens da escola foram apagados da memória oficial, interessada exclusivamente em documentos dotados de determinada oficialidade. Em suas palavras, “agora esses bens são buscados, conservados e difundidos, porque nos pertencem e nos definem como sujeitos histórico-culturais” (p. 274).

No ano de 2020, durante as duas primeiras semanas de aula antes da pandemia provocada pela covid-19, me senti instigada a *apresentar* o Memória Faced às turmas de História da Educação, mas logo me deparei com a impossibilidade de levá-los à sala 610, tendo em vista suas dimensões diminutas, incapaz de acolher um grupo maior de pessoas. Assumindo os riscos, tomando os devidos cuidados, retirei alguns documentos do Arquivo e os levei para as aulas, com vistas a motivar entre os jovens *o gosto* por conhecer camadas do passado da Faculdade de Educação e do Colégio de Aplicação da UFRGS.

Portanto, o *Arquivo foi* até os licenciandos. Em uma aula especial, os cadernos de planejamento (1974–1986) da professora do Colégio de Aplicação foram manuseados. Entendidos como “dispositivos pedagógicos, testemunhos da cultura escolar e dos agentes que nela intervém” (CASTILLO GOMEZ, 2012), esses suportes nos permitem, com todas as ressalvas, “examinar o vivido na sala de aula” (MIGNOT, 2008). Sobre esses cadernos, observei que grande parte dos estudantes não sabia que o Colégio de Aplicação havia ocupado por trinta anos (1966 – 1996) os cinco primeiros andares do prédio da Faced, ou seja, Faculdade e Colégio dividiram o prédio verticalizado durante muito tempo e justo nesse lugar os cadernos foram escritos. Por meio da análise desse material, expandiu-se a discussão, falamos sobre a idealização da instituição em 1954, relacionamos ao ideário das classes experimentais na França¹², enfim, percebemos essas marcas nos apontamentos da professora, entre tantas outras questões.

Levei também outro conjunto documental bastante singular que são cadernos pessoais de uma professora da Faculdade e do Colégio de Aplicação. Não são diários íntimos, mas com eles se parecem. São cadernos que ela se pôs a escrever logo que se aposentou, em 1989, um para cada ano, por isso também se confundem com agendas. Dentro deles, guardou inúmeros recortes de filmes, palestras, lançamento de livros, peças de teatro e eventos que aconteciam na Faculdade. Tais fragmentos entremeiam-se às narrativas de memórias da sua infância e juventude¹³. *Entrar nesses cadernos* permitiu que as futuras pedagogas observassem a construção de uma intelectual da educação, pois, mesmo afastada oficialmente da Universidade, não deixou de se interessar pelo que acontecia, sobretudo na Faced, nem de acompanhar as novas discussões epistemológicas, próprias do final dos anos 1990. Apaixonada por cinema e teatro, guardava informes sobre a programação cultural da cidade e, depois de assistir filmes, peças teatrais, palestras, anotava suas impressões nesses artefatos.

Outro grupo consultou partes do arquivo pessoal de um professor que foi diretor da Faculdade nos anos 1990, que reúne bilhetes, panfletos, correspondências, entre elas com Paulo Freire, textos usados em aulas, cartões de natal que recebeu, poesias de sua autoria. Chamam a atenção papéis do ano de 1988, quando o reitor eleito pela comunidade acadêmica Alceu Ferraro, professor da Faced, não pode assumir o cargo, por não ter sido indicado pelo então

¹² Ver Lima e Almeida, 2018.

¹³ Ver Almeida, 2021.

Presidente da República, Jose Sarney. Tal acontecimento provocou forte impacto entre docentes, técnicos e discentes, em um momento que o Brasil parecia deixar para trás os feitos da ditadura civil-militar. Tal memória, preservada por outro professor, tem profundas ressonâncias no tempo presente da UFRGS, quando, em 2020, mais uma vez, a comunidade acadêmica não teve seu direito respeitado, pois o reitor nomeado pelo Presidente da República não foi o eleito democraticamente, foi o terceiro colocado na lista tríplice. O passado está sempre a produzir ecos, mais e menos fortes, no tempo presente. Enfim, este arquivo pessoal guarda, ao mesmo tempo, uma força política e uma delicadeza, por ter se preocupado em preservar essas *cenias do cotidiano* da Faculdade e que, agora, transformam-se em documentos do Memória Faced e podem comover aqueles que se deixam envolver por aquilo que se arquivou.

Ainda, nesta mesma atividade, selecionei algumas entrevistas com professores da Faced e do Colégio de Aplicação, que narram suas experiências de vida, na Universidade e para além dela. A leitura desses relatos são como verdadeiras *aulas* para jovens em formação, pois, ao narrarem-se, não contam apenas sua existência em perspectiva individual, mas refletem também sobre memórias do país, em épocas distintas, contextos políticos diversos. Falam sobre movimentos dentro da Universidade, por exemplo, rememorando os anos 1990, durante os governos do Presidente Fernando Henrique Cardoso. A este respeito, a professora Guacira Louro, em entrevista para o Memória Faced, diz: “As greves foram um fator de politização, foi bastante forte, uma afirmação da universidade pública, nas ameaças de privatização” (2017). Ainda sobre a mesma temporalidade, final da década de 1990, início dos anos 2000, a professora percebe, na volta da experiência do Doutorado, *uma outra* Faculdade:

Eu acho que é uma mudança que acontece de súbito, quando eu volto do Doutorado, eu encontro outra Faculdade, não só porque tem mais presenças de homens mas como o clima, todo mundo se despojou mais das suas roupas. E aí, há uma forma, eu quero dizer assim, o trabalhar de calça jeans, o sapato baixo, eventualmente alguns homens começaram a usar bermuda na Faculdade, há um clima bem diferente ... Quando eu trabalhei no Aplicação não era assim (LOURO, 2017).

E, assim, eu rapidamente senti o poder do contato direto com essas materialidades pelas estudantes. Percebi que é possível aproximar a História da Educação das turmas em que atuo como docente, de torná-la mais palpável e, desse modo, tentar despertar o entusiasmo por conhecer memórias da instituição a quem pertencem, e, ao mesmo tempo, instigar a observação

das conexões que se estabelecem com contextos mais amplos. Em uma das entrevistas, por exemplo, o professor Jorge Ribeiro (2019) conta que começou a cursar licenciatura em História no Campus Central da UFRGS e terminou seus estudos no recém construído Campus do Vale, distante do centro da cidade, quando nem os ônibus da cidade conseguiam chegar ao lugar das aulas. Por meio dessa narrativa, identificamos uma consequência evidente da Reforma Universitária¹⁴, pela ação dos governos militares, quando boa parte dos estudantes, sobretudo os das ciências humanas, foram deslocados do Campus Central e levados para bem longe, criando-se diversas unidades da Universidade, descentralizando, entre outras coisas, as possibilidades de organização do movimento estudantil.

A tomada de contato com esses documentos, diversos entre si, mas todos em suporte papel, salvaguardados no Arquivo Histórico, evidencia o quanto são emissores de signos que suscitam interpretações e significações. Com a análise dessas materialidades, os estudantes, cada qual com suas subjetividades, puderam atribuir sentidos ao que leram, sendo orientados a promoverem relações com a época em que cada um foi produzido. Assim, começaram a perceber que uma narrativa de memória, um caderno, um simples bilhete, pode não ser algo tão individual quanto um primeiro olhar sugere, nele estão atravessadas diferentes clivagens de quem o produziu, geracionais, de gênero, pertencimentos políticos, intelectuais, sociais, entre tantos outros.

Em outros anos, inspirada na potente ideia de António Nóvoa ao pensar na profissão docente, quando diz “esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda sua complexidade humana e científica” (NÓVOA, 1992, p. 10), foi possível desenvolver um trabalho com as turmas das licenciaturas, de análise dos percursos de vida de docentes da Universidade, com larga experiência. Nesta atividade, deveriam pesquisar uma trajetória, elaborar um roteiro de perguntas, marcar a entrevista, transcrevê-la e devolvê-la para autorização do uso em artigos científicos. Além disso, foi solicitado que investigassem o contexto brasileiro e, especialmente das Universidades Federais, de acordo com o tempo que a professora esteve/está trabalhando. Para melhor desenvolver o trabalho, foi importante que conhecessem a metodologia da História Oral, e ao menos algumas questões básicas atinentes à fenomenologia da memória. Neste sentido, a ideia é que procurassem compreender que a produção da narrativa é feita no tempo presente, é movida por quem somos nós no ato da

¹⁴ Sobre a Reforma Universitária na UFRGS, ver Almeida, Lima e Silva, 2013.

entrevista, isso afasta de pensar na lembrança como algo conservado na memória, ela é sempre atualizada pelo *aqui e agora*.

Durante a apresentação das pesquisas, uma fala me impactou, a estudante que conclui, “eles eram como nós”. Não se trata de anacronismos, ou de apresentar modelos de *bons professores*, mas de considerar as possíveis ressonâncias de conhecer os itinerários de um professor que um dia teve 18 anos, foi estudante e talvez tenha vivido os sabores e dissabores da vida acadêmica, semelhantes aos jovens dos anos 2020. Entendo que este é um outro modo de potencializar os itinerários docentes, que segue por outros caminhos e aproxima as pessoas, indo além das informações dos currículos lattes, por exemplo.

Nesta perspectiva, é importante entender que os percursos narrados não se constituem como sequências cronológicas, mas como uma espécie de lugar onde se encontram a historicidade e o sujeito (SIRINELLI, 2003). Ou seja, os itinerários não se restringem a eventos biográficos, mas estão presentes nas idiosincrasias de cada um, como “mecanismos de capilaridades” (SIRINELLI, 2003) que permitem vê-los como sujeitos produtores de movimentos culturais e processos históricos. Portanto, a análise permite entender a construção da intelectualidade desses docentes, que está atrelada a diferentes atravessamentos e pertencimentos próprios de profissionais intelectuais, posição institucional e capacidade de engajamento.

E, para além da importância de conhecer as memórias da Universidade, que outras intenções têm essas práticas desenvolvidas nas aulas de História da Educação, junto às licenciaturas? Acreditar no futuro do presente, fomentar entre os jovens a sensibilização para, quando estiverem nas escolas, como docentes, prestarem atenção na memória da instituição, perceberem que o presente carrega camadas de passado que ecoam no *aqui e agora*. Reconhecer esses *murmúrios* do passado que tocam o presente pode se constituir em projetos institucionais que envolvam a comunidade, afinal, “somos constitutiva e ontologicamente memórias” (ESCOLANO, 2015, p. 49).

Encerro essa seção trazendo palavras de Rosa Fátima Chaloba, quando esta nos fala das lutas pela preservação do patrimônio escolar e do quanto elas precisam estar engajadas aos objetivos das escolas e de sua comunidade. Para a autora, é preciso “reconhecer o significado sociocultural da instituição como memória afetiva da experiência escolar, mas principalmente

como ferramenta de reflexão sobre o significado da escola como instituição ao longo do tempo e os sentidos de sua atuação no presente” (2013, p. 213).

Para concluir: por professores atentos ao guardar

Nessas páginas, procurei instigar os leitores a refletirem comigo acerca de questões sensíveis que perpassam a formação de professores, notadamente no que diz respeito à atenção para o cuidado com a memória das instituições educativas, como constitutivas do presente em que vivemos. Vidal e Paulilo (2020) propõem que a constituição de arquivos escolares fomente “possibilidades de dar inteligibilidade ao vivido” (p. 7), aliando o trabalho arquivístico, que busca conservar vestígios do passado, à educação, como exercício sensível no presente. Afinal, o passado depositado em um Arquivo já foi, em outros tempos, um presente. Fragmentos do que um dia foi vivido se projetam e compõem o presente e podem estar concentrados nestes espaços fundamentais para a vida das instituições.

Neste sentido, enfatizou-se a experiência desenvolvida no Arquivo Histórico da Faculdade de Educação/UFRGS, bem como os desafios que existem em aproximar a memória institucional como temática que interesse aos jovens estudantes dos cursos de licenciatura. Fez-se uma defesa das aulas de História da Educação, como disciplina em que é possível desenvolver estratégias formativas para as múltiplas faces dos *gestos de guardar*, com vistas a que esse componente curricular faça sentidos para quem está em processo de tornar-se professor e que esses sentidos possam reverberar na futura atuação como docentes em instituições de ensino.

Entretanto, sabemos que, infelizmente, é comum nas instituições esse *pouco caso* com o que restou do passado. Como nos diz Rosa Fatima Chaloba, “amontoados em porões, em salas apertadas, distribuídos ao acaso [...], documentos [...] sobrevivem a intempéries, goteiras, condições de insalubridade, falta de identificação, organização na maioria das escolas” (CHALоба, 2013, p. 205). Portanto, o que move a escrita deste texto é tentar escapar desse *destino* de descarte da memória, desse descaso com o passado. Pensando bem, se vivemos nesse tempo acelerado, “esse momento particular de nossa história (NORA, 1993, p. 7), que se ancora na memória como algo que nos dá alguma sensação de estabilidade, que possamos então tirar proveito disso em nossas instituições, fazendo do *guardar* uma das dimensões éticas da docência.

Mas, para isso, é importante que as escolas organizem seus Arquivos e Centros de Memória, como espaços *vivos*, que conjuguem ações e esforços de guarda, pesquisa e ensino. Assim, é preciso investir na formação docente, envolver a comunidade, encorajar estudantes, professores e funcionários para que o espaço construído tenha movimento, possa ser expandido, mesmo em meio às demais lutas cotidianas para *fazer com que as coisas aconteçam*.

Lugares de “raspas e restos que interessam”, Arquivos são lugares físicos com vocação social que acolhem “rastros documentais” (RICOEUR, 2007, p. 178). E por que se guarda? Chartier (2002) nos fala da “volta ao arquivo” como busca pelas singularidades. Assim, constroem-se esses espaços para que se evite o esquecimento/apagamento de memórias, para que se fomente o exercício de sensibilidades e se valorizem as presenças do passado, em suas sutilezas, ainda que em forma de “pequenas porções de ilusão”, como diz a letra de Cazuza e Frejat. Aposta-se no poder de evocação do passado no presente, sabendo que memória não reconstrói o tempo, a memória constrói *pontes*, realiza para o passado uma evocação.

Por professores atentos ao guardar, professores observadores do presente, entendendo que ele se sustenta em camadas pretéritas. Nesta acepção, a memória e o patrimônio constituem-se em signos de reconhecimento do presente e os Arquivos de escolas e de universidades são “lugares salvos de uma memória na qual não mais habitamos, semi oficiais e institucionais, semi afetivos e sentimentais... onde palpita algo como vida simbólica” (NORA, 1993, p. 14).

Referências:

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **O Tecelão dos Tempos: novos ensaios de Teoria da História**. São Paulo: Intermeios, 2019.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt e SCHMITT, Rana Gabrielle. “Na parede da memória”: itinerários narrados por estudantes do Curso de Pedagogia em ego documentos. **Revista Educação em Foco**, v.26, 2021, UFJF. (B)

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Esquecidas em um armário: redações escolares desenvolvidas no Programa PERICAMPUS/UFRGS (1987 -1991). **Revista Educação em Questão**, v.53, n.39, p.132-158, sete/dez, 2015.

ALMEIDA, Doris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação**. Porto Alegre: Letra 1, 2021 (A).

ALMEIDA, Doris Bittencourt; LIMA, Valeska Alessandra de; SILVA, Thaise Mazzei da. A constituição da faculdade de educação/UFRGS em tempos de ditadura militar (1970-1985). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.10, p. 317 – 346, jul./dez. 2013.

- AMELANG, James. Apresentação do Dossiê “De la autobiografía a los ego-documentos: um fórum abierto”. In. **Revista Cultura Escrita & sociedad**, n. 1. Gijón, España: Ediccionés Trea, 2005.
- ARTIÈRES, Phillippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, n.21, 1998, pp. 9-34.
- BORGES, Bruno Gonçalves e GATTI JR, Décio. O ensino da História da Educação na formação de professores no Brasil atual. Campinas. **Revista HISTEBR**, dez.2010, pp.24-48.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHALOPA, Rosa Fátima de Souza. Preservação do patrimônio escolar: notas para um debate. **Revista Linhas**. Florianópolis, v.14, n26, jan./jun 2013, p199-221.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des)Arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente**. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In. MIGNOT, BASTOS e CUNHA (orgs.). **Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Entre Netuno e Clio: primeiras aproximações às cartas do Almirante Henrique Boiteux (Santa Catarina/Século XX). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v.3, n.9, 2018.
- ESCOLANO BENITO, Augustin. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas: Alínea, 2017.
- ESCOLANO, Augustin. Arqueologia y rituales de la escuela. In. MOGARRO, Maria João (org.). **Educação e Patrimônio Cultural: Escolas, Objetos e Práticas**. Lisboa: Edições Colibri, 2015, p.45-60.
- FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FARIA F., Luciano Mendes. História da Educação: para quê? Para quem? **Jornal Pensar a Educação**, ago.2016.
- FELGUEIRAS, Margarida e SOARES, Maria Leonor. O projeto “para um museu vivo da Escola Primária” – concepção e inventário. In. Menezes, Maria Cristina (org.). **Educação, Memória e História: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- GOMEZ, Antonio Castillo. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação**. Porto Alegre, v.35, n.1, jan/abril 2012, p.66-72.
- GRAZZIOTIN, Luciane S. e ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do Tempo e Recantos da Memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- HARTOG, François. **Crer em História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017
- HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

KOSSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre História**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2014

KOSSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996

LIMA, Valeska Alessandra de; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. O Colégio de Aplicação/UFRGS e a difusão das classes experimentais secundárias: entre o arquivo e a memória oral (1959-1981). **Revista História da Educação**, v.22, n.56. set./dez. 2018, pp207-227.

LOURO, Guacira Lopes. Entrevista para o Arquivo da Faculdade de Educação/UFRGS, 2017.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, 1993.

NOVOA, Antonio (org.). **Vidas de Professores**. Porto Editora, 1992

NUNES, Clarice. O ensino da História da Educação e a produção de sentidos na sala de aula. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 6, jul./dez. 2003.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RIBEIRO, Jorge Alberto. Entrevista para o Arquivo da Faculdade de Educação/UFRGS, 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2007

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In. RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n.14, mai/ago, 2000.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista Projeto História**, v. 15, p. 51-84, 1997.

VIDAL, Diana Gonçalves e PAULILO, Andre Luiz. Arquivos e Educação: Prática de arquivamento e memória. **Revista de Educação Pública**, v. 29, p. 1-17, jan/dez 2020.

VIÑAO FRAGO, Antonio. A modo de prólogo, refúgios del yo, refúgios de otros. In. MIGNOT, Ana Chrystina; BASTOS, Maria Helena e CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). **Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

Autora

Dóris Bittencourt Almeida

Mestrado e Doutorado em Educação (2001/2007), com ênfase em História da Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS. Professora Associada III de História da Educação da Faculdade de Educação, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa os seguintes temas relacionados à História da Educação: Arquivos Pessoais e Ego-documentos, História da Profissão Docente, História das Mulheres, História da Cultura Escrita, Cultura Escolar, História das Instituições Educativas, Patrimônio histórico educativo.

almeida.doris@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4817-0717>

<http://lattes.cnpq.br/5715085520250456>

Como citar este artículo:

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. "LAS SOBRAS ME INTERESAN": LOS ARCHIVOS DE INSTITUCIONES EDUCATIVAS COMO ESPACIOS DE PRESERVACIÓN, ENSEÑANZA E INVESTIGACIÓN. **Revista Paradigma**, Vol. XLIV, Nro. 2, julio de 2023 / 485 - 505.

DOI: 10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2023.p485-505.id1458